



## O ENSINO DA ARTE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: ANÁLISE DE MATERIAL DIDÁTICO

Estela Weisshaar (Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná - Campus de União da Vitória - PR. Bolsista do Laboratório de Extensão Gilberto Freyre). Vanessa Campos de Lara Jakimiu (Doutoranda em Educação na linha de Políticas Educacionais pela Universidade Federal do Paraná-UFPR. Professora no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR, Campus de União da Vitória - PR).

Contato: estela-wei@hotmail.com  
vanessajakimiu@yahoo.com.br

### RESUMO

O estudo traz em seu conteúdo uma discussão acerca do ensino da Arte nos anos iniciais do Ensino fundamental. Tem como objetivo geral investigar a perspectiva de formação em Arte presente nos encaminhamentos didáticos metodológicos do material didático da Rede Pública Municipal de Educação de União da Vitória – PR. E, apresenta como objetivos específicos: a) Desenvolver um quadro teórico acerca da trajetória histórica do ensino da Arte no currículo da educação brasileira; b) Apresentar uma investigação acerca dos encaminhamentos metodológicos para o Ensino da Arte nos anos Iniciais do Ensino Fundamental, e, c) Evidenciar a perspectiva formativa presente no material didático da Rede Pública Municipal de Educação para o Ensino da Arte. Metodologicamente, a investigação adota os moldes da pesquisa teórica bibliográfica de cunho qualitativo, documental e histórica contemplando análise de material didático estando fundamentada no método de análise de conteúdo, de Bardin (2011). A área de abrangência para averiguação dos pressupostos é a área da Educação, mais especificamente, o eixo temático do ensino da Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Dos resultados obtidos foi possível constatar que os materiais didáticos analisados se aproximam de uma abordagem utilitarista, ou seja, que utiliza a Arte apenas como um recurso para ensinar outros conteúdos.

Palavras-chave: Educação. Ensino da Arte. Análise de Material Didático.



## INTRODUÇÃO

O presente estudo traz em seu conteúdo uma discussão sobre o ensino da Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental, contemplando análise de material didático. Este material pedagógico foi elaborado, para atender aos alunos da Rede Pública do Município de União da Vitória-PR, sua singularidade está justamente na intenção de agregar características locais e regionais se aproximando da realidade dos alunos, tendo em vista que foi elaborado pelos próprios professores da Rede Municipal.

Neste sentido, a pesquisa tem como objetivo geral investigar a perspectiva de formação em Arte presente nos encaminhamentos didáticos metodológicos do material didático da Rede Pública Municipal de Educação do município de União da Vitória - PR. Apresenta como objetivos específicos: a) Desenvolver um quadro teórico acerca da trajetória histórica do ensino da Arte no currículo da educação brasileira; b) Apresentar uma investigação acerca dos encaminhamentos metodológicos para o Ensino da Arte nos anos Iniciais do Ensino Fundamental; e, c) Evidenciar a perspectiva formativa presente no material didático da rede pública municipal de educação de União da Vitória para o Ensino da Arte.

O cenário em que se encontra a disciplina de Arte nos anos iniciais chama a atenção pela pouca valorização perante a sua contribuição para com o desenvolvimento da criança. Perante esta situação adota-se como problema de pesquisa o seguinte questionamento: Qual a perspectiva formativa presente nos encaminhamentos didáticos metodológicos do material didático dos anos iniciais da rede pública de União da Vitória – PR?

Quanto ao delineamento metodológico, a presente pesquisa adota os moldes da pesquisa teórica bibliográfica, que de acordo com Gil (2007, p. 44) “...é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”, sendo ela de cunho qualitativo.

O estudo contempla também entrevista e análise de material didático a qual se delinea a partir da análise de conteúdo de Bardin (2011). Na concepção de Bardin (2011) a análise de conteúdo consiste em um procedimento metodológico e sistemático pelo qual se tem a intenção de organizar os objetivos que pretendem ser analisados.

Nesta pesquisa os dados coletados foram predominantemente descritivos, de forma a seguir a natureza da pesquisa qualitativa, sendo a área de abrangência a área da Educação, mais especificamente o eixo temático do ensino da Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Os materiais fonte de pesquisa constituem-se em materiais públicos e com fins didáticos destinado aos estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental da rede pública municipal de União da Vitória-PR.



Inicialmente, a presente pesquisa desenvolve uma teorização acerca da trajetória do ensino da Arte no Brasil, buscando evidenciar as modificações deste ensino na Educação. Em seguida busca-se verificar de que forma a Arte é abordada nos anos iniciais e que recursos metodológicos são utilizados para o ensino desta área de conhecimento. Por fim neste trabalho procura-se apresentar a perspectiva formativa presente no material didático e os encaminhamentos metodológicos que nele estão presentes.

## 1 A HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO CURRÍCULO ESCOLAR BRASILEIRO: BREVES CONSIDERAÇÕES

No Brasil, a disciplina de Educação Artística<sup>1</sup>, foi implantada oficialmente no currículo escolar a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) n.5.692/1971. Esta Lei estabeleceu um currículo para a educação artística brasileira de acordo com a ideologia de educadores norte-americanos, por meio do Acordo MEC-USAID, que previa então um aceleração da formação de mão-de-obra para o trabalho, pautado num ensino tecnicista. (BARBOSA, 2012).

Percebe-se então neste processo um discurso contraditório, pois o governo implanta uma lei que obriga o ensino da disciplina de Educação Artística, porém, não dispõe de professores capacitados para lecionar.

Na época, encontrava-se disseminado por todo o Brasil o Movimento das Escolinhas de Arte, que:

Tentava desenvolver desde 1948 a autoexpressão da criança e do adolescente através do ensino das artes. [...] com cerca de 32 “escolinhas”, a maioria delas particulares, oferecendo cursos de artes para as crianças e adolescentes e cursos de arte/educação para professores e artistas. (BARBOSA, 2012, p. 10).

Os professores do Movimento das Escolinhas de Arte, os quais tinham experiência com Arte não foram absorvidos para trabalhar como professores na rede pública do país. (BARBOSA, 1989). Nesse sentido, na tentativa de atender a demanda de formação de professores para ministrar Arte, foram ofertados cursos de licenciatura curta.

De acordo com Barbosa (1989, p.170-171), o currículo dos cursos das primeiras licenciaturas nas universidades pretendiam em apenas 2 anos formar um professor que fosse “...capaz de lecionar música, teatro, artes visuais, desenho, dança e desenho geométrico, tudo ao mesmo tempo, da 1<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> séries e, em alguns casos, até o 2<sup>o</sup> grau.”

<sup>1</sup> Nomenclatura da época.



Muitas faculdades e universidades na época ofertavam esses cursos chegando a ultrapassar o número de 70 cursos no Brasil. Somente na Universidade da São Paulo é que se tinha um curso com duração de quatro anos, entretanto seguia um currículo mínimo. (BARBOSA, 1989).

No final da década de 1980 e início da década de 1990, partindo de uma tendência pós-moderna ocorre então uma ideia no campo das artes denominada de “Abordagem Triangular”<sup>2</sup>, pensada por Ana Mae Barbosa. Esta proposta partia de uma prática para o ensino da Arte criada para ser utilizada no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, onde as análises das obras eram pautadas por uma perspectiva crítica sobre seus aspectos estéticos, e da composição total da obra. (BARBOSA, 2012, p. 37).

Neste sentido, o século XX foi marcado por muitas transformações e mudanças no âmbito educacional do ensino da Arte. Neste sentido surge a preocupação com a utilização da Arte como um meio para outros fins:

As transformações que tem orientado o ensino da arte nas últimas décadas enfrentaram o desafio de refletir sobre estes processos que, de uma certa forma, desfiguraram as noções contemporâneas de Arte e de artista e, conseqüentemente, descaracterizavam a Arte na educação. (BARBOSA, 2012, p. 35).

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação n. 9.394/1996, de acordo com o art.6, inciso 2º, passa a prever o ensino da Arte no Brasil como “...componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. (BRASIL, 1996).

No ano seguinte, em 1997, foram estabelecidos por meio do Governo Federal os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). (BRASIL, 1997). Os PCN tinham como eixo de formação as capacidades, habilidades e competências e em torno deles gerou-se muitas críticas<sup>3</sup> especialmente no que tange a sua perspectiva formativa voltada para a mão de obra barata para o mercado de trabalho. (SILVA, 2009; LOPES, 2004; ZIBAS, 2005; KRAWCZYK, 2009; 2011).

No ano de 2008, a Lei n.11.769 altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação n.9.394/1996, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica passando a música a ser compreendida como “...conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular...” (BRASIL, 2008).

<sup>2</sup> A Abordagem Triangular é caracterizada por três eixos: leitura de imagem, contextualização e fazer artístico, aplicados não necessariamente nesta ordem, mas que se configuram numa maneira para trabalhar com os princípios artísticos (BARBOSA, 2012).

<sup>3</sup> Além disso, os professores tiveram muitas dificuldades em implantar o PCN em seus planejamentos. Tentando atender a demanda dos professores o Ministério de Educação elaborou um documento chamado “Parâmetros em Ação” que trazia orientações ao professor de como proceder diante de uma apreciação de uma obra de arte, estipulando inclusive a duração das atividades. (BARBOSA; COUTINHO, 2011).



Decorridos mais de oito anos, esta lei não surtiu efeito, pois não foi pensada a formação desses profissionais que lecionariam aulas de música, tampouco foram providenciados nas escolas os recursos didáticos necessários para que fosse possível o ensino de música na escola. Em algumas escolas, especialmente no Estado do Paraná, a inserção do ensino da música foi marcada somente pelas aulas destinadas ao ensino da flauta doce. (SEED, 2008).

Em 2010 foi sancionada a Lei n.12.287 que alterou a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a partir da qual o “...ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. (BRASIL, 2010).

Recentemente, em 2016, a Lei n.13.278/2016 altera o § 6o do art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e passa a vigorar com a seguinte redação: As artes visuais, a dança, a música e o teatro passam a ser consideradas as linguagens artísticas que constituirão como componente curricular na Educação Básica. (BRASIL, 2016).

## 2 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS PARA O ENSINO DA ARTE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Apesar de todo o avanço na regulamentação legal, ainda há a predominância de aulas de Arte que primam por um ensino de “*Arte sem Arte*” (JAKIMIU, 2016) e infelizmente os professores em sua maioria não possuem formação especializada na área.

A Arte enquanto atividade técnica/manual, resquício da LDB 5.692/1971 ainda se faz presente nas escolas. É muito comum que nas escolas os Professores de Arte fiquem responsáveis pelas apresentações festivas e que trabalhe com as crianças atividades relacionadas a datas comemorativas como a confecção de lembrancinhas para o dia dos pais, o dia das mães, o dia do natal, etc. A falsa ideia de que estão fazendo Arte perdura na consciência de muitos educadores, somente por estarem envolvidos com materiais diferentes, com canetinhas, pintando, etc.

Talvez uma das causas esteja relacionada ao fato de que os professores de artes estão tão empenhados em justificar a importância das artes na escola que acabam privilegiando os produtos das atividades artísticas – a peça a ser encenada no Dia das Mães, a dança a ser apresentada na Festa Junina, a exposição de pintura que irá encerrar o ano letivo. A realização de tais eventos acaba por centralizar toda a atenção dos professores, que, preocupados em “demonstrar serviço”, acabam imprimindo aos alunos exercícios árduos, repetições exaustivas, propostas desprovidas de sentido para eles. (ALMEIDA, 2001, p. 18-19).



Assim, o grande primeiro desafio é garantir que seja ensinado Arte nas aulas de Arte. Nesse sentido surge uma preocupação em especial com os encaminhamentos metodológicos voltados ao ensino da Arte, pois estes revelam concepções de Educação e de Arte.

Para se evidenciar um trabalho mais completo e consistente em Arte nas escolas, o esperado seria que este ensino abrangesse a música, a dança, o teatro e as artes visuais de igual forma. Outra questão importante seria a inserção desses conceitos em Arte por meio de um processo lúdico, pois o ensino na infância tem a especificidade de fundamentar-se no brincar como parte do processo formativo.

Além da preocupação com os recursos disponíveis em sala, existe a necessidade de levar as crianças a conhecerem outros ambientes culturais e artísticos fora da escola, já que na maioria das escolas não é possível encontrar muitos recursos artísticos disponíveis. Nesse sentido, é fundamental:

Proporcionar o contato com a arte, visitando ateliês e galerias de arte, feiras de artesanato, olhando a arquitetura da cidade, observando grafites nas paredes, outdoors, participando de eventos locais, indo ao cinema, ao teatro, discutindo sobre a vida na cidade e interagir sobre seus espaços, é tarefa do professor de Arte. Esse ato de “ver” é um estímulo para outras descobertas e tem um caráter de “iniciação”. Esse contato com as linguagens artísticas dá subsídios aos alunos para terem experiências artísticas significativas. (BITTAR, 2007, p.101).

Apesar da riqueza das saídas a campo, Barbosa (2012, p. 12-13) observa que as “... visitas a exposições são raras e em geral pobremente preparadas. A viagem de ônibus é mais significativa para as crianças do que a apreciação das obras de arte”.

De acordo com a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (BARBOSA, 1989) o ensino da Arte precisa ter significação. Entende-se que é fundamental quando se analisa uma obra apresentar às crianças quem criou, quando criou e em que contexto criou esta obra de arte, possibilitando então ao aluno que explore sua capacidade de analisar e refletir sobre o que está vendo. O professor deve situar o olhar deste aluno na história, pois uma obra não se interpreta isoladamente, assim se concretiza o momento da contextualização.

A leitura de imagem, outra etapa da Abordagem Triangular, de acordo com Pillar (1999, p. 12) “...seria a leitura de um texto, de uma trama, de algo tecido com formas, cores texturas, volumes...”, onde o olhar consiga fazer relação com as experiências vividas pelo leitor, assim:

...ao lermos uma obra de arte, estamos nos valendo de nossos conhecimentos, artísticos ou não, para dar significados à obra. A leitura só se processa no diálogo do leitor com a obra, o qual se dá num tempo e num espaço precioso. Nesse sentido, não há uma leitura, mas leituras, onde cada um precisa encontrar modos múltiplos de melhor saborear a imagem. (PILLAR, 1999, p.20).



A partir da leitura de imagem incentivada pelo professor, um encaminhamento voltado ao fazer artístico pode ser realizado com os alunos. Aqui na etapa do fazer arte, é que se concretiza o processo criativo, inventivo e lúdico da aprendizagem.

Um estratégia interessante a ser utilizada em Arte são as releituras. Por releitura entende-se o processo de "...reler novamente", "reinterpretar", "criar novos significados...". (PILLAR, 1999, p. 18). A releitura pode transformar o pensamento e a imaginação da criança, ampliando assim novas descobertas. É importante ressaltar que releitura não é uma cópia e o professor pode e deve criar mecanismos em suas aulas para que isto não ocorra, como por exemplo, trabalhar com a memória visual de seus alunos.

Além das estratégias didático-metodológicas para o ensino da Arte, importa questionar a formação dos professores em Arte. Não sendo a formação o requisito de escolha dos profissionais que ensinam Arte nas escolas muitas adotam critérios subjetivos. Assim, os professores para ministrar Arte "...são escolhidos por demonstrarem alguma familiaridade com a área (sabem fazer artesanatos, gostam de dançar, gostam de cantar, são expansivos e comunicativos, etc.) o que não é garantia de aulas de qualidade". (JAKIMIUI, 2013, p. 6).

Os professores, não tendo a formação de base, necessitam pesquisar e estudar para terem subsídios para propor intervenções de aprendizagem assertivas e de qualidade e, sobretudo para compreender as produções de seus alunos, e não julgá-las como "certas" ou "erradas", "bonitas" ou "feias", atribuindo-lhes uma avaliação negativa estereotipada por padrões estéticos que podem gerar desmotivação na criança, muito menos chegar ao extremo de "corrigi-las" a partir de tais julgamentos. Saber avaliar em arte é um procedimento delicado, mas que não caberá ser aprofundado nesta pesquisa. (JAKIMIUI, 2013).

A falta de recursos e um ambiente adequado para a disciplina de Arte também é um problema. As escolas públicas, em sua maioria, não conseguem ofertar boas condições para a realização das atividades artísticas. A utilização de imagens, por exemplo, ainda é pouco. Nesse sentido, compreende-se que o resultado para uma experiência formativa de qualidade no ensino da Arte depende de um processo considerando suas variáveis, não se trata de uma construção isolada.

Todo caminho começa com o primeiro passo, e o primeiro e importante passo a ser dado é reconhecer a Arte como campo epistêmico de formação humana, com finalidades formativas próprias e conteúdos específicos e à escola cabe o papel fundamental de ensinar Arte nas aulas de Arte, afinal, uma "...sociedade só é artisticamente desenvolvida quando ao lado de uma produção artística de alta qualidade há também uma alta capacidade de entendimento desta produção pelo público." (BARBOSA, 2012, p. 33)

### 3 A PERSPECTIVA FORMATIVA NO ENSINO DA ARTE: UMA ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO DO MUNICÍPIO DE UNIÃO DA VITÓRIA-PR

Tendo em vista conhecer a formulação e a proposta da iniciativa da Rede Municipal de Educação do município de União da Vitória-PR, buscou-se a coleta de dados junto aos órgãos envolvidos na elaboração do material didático.<sup>4</sup>

O material didático da Rede Municipal de Educação do município de União da Vitória-PR foi elaborado no ano de 2015. Anteriormente à elaboração do referido material didático a rede de ensino contava com outro material didático distribuído nas escolas. Porém a intenção de desenvolver um projeto novo, com parcerias entre município (SEMED) e Ensino Superior, surge então com o Instituto de Ensino Pesquisa e Prestação de Serviços, o IEPS, no mesmo momento em que mudou a gestão do município de União da Vitória- PR. (BONA, 2016).

Nesta ocasião surgiu a ideia de elaborar um material próprio do município, visto que consequentemente os custos seriam notoriamente menores<sup>5</sup> ao município. (BONA, 2016).

O contexto de elaboração do material contou com um curto prazo, para passar por todas as etapas de criação e desenvolvimento até a sua finalização e impressão, o que dificultou muito o processo segundo os seus organizadores e contribuintes.

O Instituto de Ensino, Pesquisa e Prestação de Serviços, posteriormente ao início da produção do material, funcionou de certa forma como um laboratório para o desenvolvimento dele. Lá ocorriam os encontros entre os professores autores, os coordenadores e assessores e os demais envolvidos.

O Ensino Superior, por meio da UNESPAR Campus de União da Vitória, teve a sua participação efetivada na elaboração deste material por meio do seu quadro de professores assessores<sup>6</sup>, os quais atuaram junto aos professores autores da rede municipal nas possíveis dificuldades que surgiam, bem como na avaliação das escolhas e na sugestão de novas atividades.

No caso da Arte, o assessor responsável foi o professor de Arte Daniel Correia, formado em Pedagogia com especialização em Arte voltada para a Musicalização Infantil. De acordo com Correia (2016), os professores autores que participaram da elaboração do

<sup>4</sup> Secretaria Municipal de Educação, Instituto de Ensino Pesquisa e Prestação de Serviços, (IEPS) e também a Universidade Estadual do Paraná – Campus de União da Vitória-PR.

<sup>5</sup> De acordo com Bona (2016, p.3) “...o município que até então pagava R\$1.200.000,00 reais e iria pagar R\$1.500.000,00 reais para renovar, teve o novo material produzido na faixa de uns R\$600.000,00 reais”.

<sup>6</sup> Os Cursos de licenciatura da UNESPAR Campus União da Vitória que participaram da assessoria foram: Pedagogia, Letras, Matemática, Ciências Biológicas, História e Geografia.



material didático, foram compostos por um grupo de aproximadamente dez professores da Rede Municipal de Educação.

Para a elaboração do material, no que diz respeito a Arte, foram utilizados como referência a realidade cultural e artística do município de União da Vitória-PR. O material didático foi elaborado com base no livro “Entrevistando a Arte” de autoria da Professora Ivanira Tereza Dias Olbertze buscou-se:

...a realização e o direcionamento do conhecimento da parte histórica e da parte cultural que estão ligadas intimamente, e assim, separar a questão metodológica, a parte didática e colocar dentro dos conteúdos que pudessem ser desenvolvidos em sala de aula. A questão da escolha desses conteúdos e a sua organização ficaram a cargo do próprio grupo de professores. (CORREIA, 2015, p.3).

De acordo com Correia (2015, p.3) a sua atuação como assessor estava em acompanhar as proposições dos professores, “...esclarecer dúvidas, e direcionar a questão do currículo em arte.”

De acordo com Correia (2015) o material de apoio pedagógico contempla os conteúdos conciliando com os aspectos particulares da região de União da Vitória, atendendo assim ao preceito da redação dada pela Lei n.12. 287, de 2010, onde consta no § 2º que o “...ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. (BRASIL, 2010).

A partir do primeiro contato com o material de apoio pedagógico, pode-se inicialmente perceber que não há um material exclusivo de Arte. A área de conhecimento de Arte está junto com as demais áreas de conhecimento, uma vez que o material didático se propõe interdisciplinar<sup>7</sup> e por esta questão, a maioria das atividades relacionadas à Arte estão ligadas diretamente com uma atividade de outra área do conhecimento. Por exemplo, um conteúdo ligado a alimentação se utiliza de uma obra de Arte como ilustração e/ou complemento do assunto.

A fim de exemplificar como isto ocorre no material, cita-se uma obra da artista Dyrce Novack. A atividade faz em seu enunciado a menção de que a artista pintou uma obra com pinhões, apresenta a imagem da obra e na sequência propõe uma atividade de pintura de

<sup>7</sup> Embora o texto do material indique o posicionamento metodológico interdisciplinar, não há menção no material de uma definição conceitual do que está sendo entendido por “interdisciplinar”. Partimos do pressuposto de que interdisciplinaridade como “método de pesquisa e de ensino susceptível de fazer com que duas ou mais disciplinas interajam entre si, esta interação podendo ir da simples comunicação das ideias até a integração mútua dos conceitos, da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização da pesquisa”. (JAPIASSU; MARCONDES, 1993, p. 136).

palavras que terminem com ão. Aqui observa-se que a Arte (a biografia da artista e a imagem da obra de arte) foram utilizadas basicamente como ilustração sendo o objetivo ensinar língua portuguesa a partir do tema “alimentação” que no caso se referia aos alimentos consumidos no inverno. Não há no material nenhuma indicação de leitura e/ou produção artística a partir do trabalho da artista Dyrce Novacki o que denota a utilização da Arte para ensinar outras áreas de conhecimento, conforme pode se observar na Figura 1:

Figura 1: Atividade de Arte presente no material

A ARTISTA PLÁSTICA DYRCE NOVACKI REPRODUZIU, EM UMA DE SUAS TELAS, UM DOS ALIMENTOS MUITO CONSUMIDOS EM NOSSA REGIÃO DURANTE O INVERNO, O PINHÃO.



DYRCE NOVACKI

NASCIU EM GENERAL CARNIHO, PARANÁ. DESDE CRIANÇA SEMPRE GOSTOU MUITO DE DESENHAR, PRODUZINDO SUA PRIMEIRA OBRA AOS DOZE ANOS DE IDADE. EM SEUS TRABALHOS PREFERE UTILIZAR AS CORES QUENTES E TEM COMO TEMAS PREFERIDOS A NATUREZA MORTA E FLORAIS.

1 - LEIA E PINTA NO QUADRO ABAIXO OUTRAS PALAVRAS QUE TERMINEM COMO "PINHÃO":

PINCEL	AVIÃO	COLCHÃO
CANINHÃO	PIRULITO	SOL
MERENDA	QUENTÃO	ESTRELAS

49

2 - DESCUBRA AS PALAVRAS PROCURANDO AS SÍLABAS NA LISTA AO LADO:

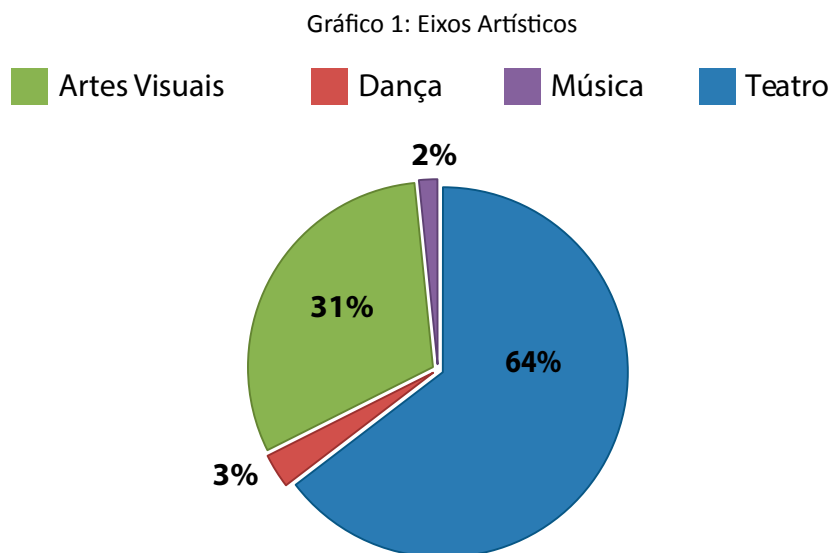
FONTE: SEMED, 2015

A Arte aqui é apresentada como um meio para ensinar outro conteúdo (língua portuguesa). Assim como um recurso auxiliar na maioria das vezes a Arte restringe-se ao papel ilustrativo.

Vivências educativas em torno da contextualização, da leitura e do fazer Arte, são fundamentais para a formação em Arte. É importante que o educando seja capaz de compreender a Arte em seu contexto de produção, assim, questões como: Onde a obra foi produzida? Por quem? Em que época?, contribuem para entender quem é o artista e o contexto em que a obra surgiu, no entanto, é a partir da vivência em torno do fazer Arte que o educando terá a oportunidade de dar significação para as etapas da leitura e contextualização.

Buscando investigar qual eixo formativo é contemplado em arte e, portanto, possui mais ênfase no material didático, percebe-se que a modalidade das artes visuais predomina

em relação às outras áreas de conhecimento artísticas como podemos visualizar conforme o gráfico 1.



FONTE: Elaboração própria a partir dos dados presentes no material de apoio (SEMED, 2015).

Cabe observar, que o sentido de Artes Visuais aqui empreendido, está se restringindo à atividades de ilustração de exercícios envolvendo outras áreas de conhecimento. Após a leitura de uma história, por exemplo, como forma de registro, o material solicita que as crianças utilizem o desenho, seja livre ou direcionado de acordo com um tema ou conteúdo trabalhado. Nesse caso, como exemplo aparece no material um assunto ligado às paisagens: urbana e rural e, logo após uma atividade de produção textual encontra-se o seguinte enunciado “Agora você é o artista!”, pedindo que a criança faça um desenho dessas duas paisagens. Sendo que o assunto acaba com esta última atividade de desenho, sem mais explicações ou aprofundamento.

O recorte, a escultura, a colagem e a pintura aparecem com pouca incidência e a maioria das atividades artísticas aparecem como elementos suporte para ensinar algo. Dessas atividades, menos da metade tem um fim em si mesma, ou seja, trabalham a Arte pela Arte.

O material didático, apresenta em alguns momentos, uma aproximação com o reconhecimento da Arte em sua especificidade, como conhecimento, cultura e expressão. Como ilustração temos duas propostas de atividades presentes no material do 3<sup>o</sup> ano, as quais partem de uma contextualização histórica a respeito da vida do artista, posteriormente apresentam um recurso visual, e por fim trazem uma proposta pautada no fazer artístico da criança, ainda que tendo a Arte como um elemento integrador.

A primeira delas focaliza o solo e sugere um trabalho com escultura, sendo proposto às crianças que façam uma escultura com areia ou argila, seguindo os traços da artista Miriam Margareth Fecht de Souza. Juntamente como a proposição da atividade é apresentada uma breve biografia da artista:

Figura 3: Atividade de Arte presente no material

Miriam Margareth Fecht de Souza nasceu em União da Vitória. Além de professora e artista plástica, produziu sua primeira obra de arte aos 25 anos de idade. Para confeccionar as obras utiliza suas mãos e alguns instrumentos como pincéis, espatulas, etc. Veja suas obras:

Agora você é o(a) artista! Que tal aproveitar o solo da sua escola ou de sua casa para fazer uma escultura com areia molhada e outra com argila?

• Qual dos dois tipos de solo foi mais fácil para fazer a escultura? Por quê?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**VIDA NO SOLO**

O solo é composto por componentes orgânicos e inorgânicos. As folhas, cascas, raízes, galhos e outras partes das plantas mortas decompõem-se numa massa que chamamos de húmus, sendo este responsável pela fertilidade do solo. Esses são os componentes orgânicos; os inorgânicos são a água, resíduos de rochas e sais minerais.

Os micro-organismos e pequenos animais presentes nos solos também ajudam na fertilização do solo.

FONTE: SEMED, 2015

A segunda atividade diz respeito ao tema tropeirismo. Primeiramente o material traz uma breve biografia da artista Sonya Elme Will Bortolo a qual retrata sua obra “Passagem do Vau”. Em seguida, o material propõe às crianças que observem a obra e utilizando recortes de revistas e papel colorido, façam a releitura da obra em um quadro no próprio material:

Figura 4: Atividade de Arte presente no material

A artista plástica Sonya Elme Will Bortolo retrata na tela abstrata a **passagem** das tropas no Rio Itaipava. Assim como em outras cidades, elas também foram responsáveis pela fundação de nossa cidade.

Tela - "Passagem do Vau"

Vamos pesquisar em livros e na internet algumas informações sobre o tropeirismo em União da Vitória e produzir coletivamente um texto informativo.

Para saber um pouco mais sobre nossa cidade:

**Siglole de Cultura**

TITULO: COMENDADO HISTÓRICO DA UNIDADE DA VITÓRIA  
AUTORIA: ROSA CLARA MARTINI, GISELENE WELLMAN, LUCILEI DOS SANTOS, TEREZINHA DE SOUZA, ROSANGELA DE SOUZA, ANA LUIZ DE SOUZA, CRISTINA LINDA DA VITÓRIA

Observe a obra "Passagem do Vau" de Sonya Elme Will Bortolo, e utilizando recortes de revistas e papel colorido reproduza a obra no quadro abaixo:

FONTE: SEMED, 2015



Ambas as atividades, embora também concebendo a Arte como elemento integrador e recurso para ensinar outras áreas de conhecimento, diferenciam-se das demais atividades por garantir a significação e o fazer artístico como produto final, ainda que ambas tragam informações elementares sobre as artistas (sem a foto das artistas) a partir das quais não é possível conhecer e contextualizar a produção artística de modo pleno.

Percebe-se também que no que tange às atividades próximas das Artes visuais são escassas as propostas que proporcionem ao aluno autonomia em seu processo de criação, algumas promovem, porém, numa perspectiva restrita, a maioria traça antecipadamente o percurso que o aluno vai fazer no decorrer de sua atividade, não lhe deixando opções.

É o caso de uma atividade presente no material do 4<sup>o</sup> ano, onde aparece a obra “Vendedor de frutas” de Tarsila do Amaral, e como proposta com o mesmo enunciado “Agora você é o/a artista” tem-se uma atividade onde o aluno deverá colorir o desenho impresso no material com as cores primárias e secundárias. Não havendo, portanto, na etapa do fazer artístico o momento da produção do aluno em que lhe proporcione o processo criativo. Nesse ponto o processo de criação em Arte fica fragilizado em meio a uma interdisciplinaridade que ocorre aleatoriamente sem quase que sem nenhum sentido estabelecido- especialmente para a Arte, que é sempre utilizada como um fim para ensinar outros conhecimentos.

Outro exemplo que chama atenção é que em dado momento tendo como finalidade o ensino da língua portuguesa o material apresenta uma lenda indígena de “Como surgiu a noite” seguida de uma proposta de diálogo e atividades. Em seguida, para a aula de Arte apresenta-se uma atividade em determinada parte do material que consta o seguinte enunciado: “Vejam como alguns artistas representaram o dia e a noite em suas obras”, e em seguida aparecem três imagens de obras de três artistas diferentes, (sem breve apresentação dos artistas), sendo eles Tarsila do Amaral com “Abaporu”, Vicente Van Gogh com “Noite estrelada” e Alan Salomão com “Quadrado dia e noite”. Notoriamente as imagens são distintas, não fazem relação uma com as outras, pois não foram criadas no mesmo contexto, nem na mesma época, são de artistas com produções, épocas e estilos bem diferentes. São obras famosas e de renome, porém desconsideradas se apresentadas fora de sua singularidade e contexto, ao serem exploradas em uma atividade que sequer se propõe estabelecer um quadro comparativo (isto se fosse possível estabelecer tal comparação). Logo após, solicita-se que seja dramatizada a lenda contada anteriormente sobre a criação do dia e da noite. Em seguida, os alunos são convidados a desenhar o dia e a noite em um determinado limite de espaço na folha, sem mais orientações, nada mais é trabalhado com relação às obras. Este encaminhamento, ainda que avance no sentido



trazer Arte para as aulas de Arte, está envolto em meio a uma perspectiva instrumental, porque as três obras estão sendo usadas como ilustração, neste sentido está se perdendo a finalidade e a especificidade da Arte, porque esta metodologia não contempla a leitura de imagem, a contextualização ou o fazer artístico.

Barbosa (2012, p. 37) em suas considerações afirma que “...nenhuma forma de arte existe no vácuo: parte do significado de qualquer obra depende do entendimento de seu contexto.”

Compreender o contexto em que uma obra de arte foi criada é requisito de interpretação, enfim, de leitura de imagem. Neste sentido se julga tão importante estar presente no material didático a contextualização da obra, por vezes não evidenciada no material.

No caso da música, a mesma é predominantemente explorada em função das suas letras. Na maioria dos casos é trabalhado o português por meio das músicas, para que as crianças identifiquem palavras, rimas, etc. Em alguns casos até são propostos desenhos para ilustração de músicas.

As modalidades de teatro e dança, ocorrem raramente, alguns bimestres nem possuem atividades para tais modalidades. Nos raros casos em que aparecem são propostas dramatizações sobre determinado assunto, encenação de pequenas histórias, atividades rítmicas que ilustram e ou reforçam outras áreas de conhecimento que estão sendo trabalhadas.

Na modalidade dança uma atividade se constitui como exceção por sua aproximação com um ensino da Arte com significação. Inicialmente o assunto é abordado por meio de um texto que fala acerca da invenção da dança. Em seguida apresenta atividades de língua portuguesa e mais adiante explica sobre os instrumentos musicais sugerindo a ideia de confeccionar um tambor com auxílio da professora para depois criar uma coreografia com movimentos corporais para apresentar para a turma. Aqui, a atividade focaliza a dança propriamente dita, sem caracterizar-se como um recurso para o ensino de outra área de conhecimento.

A perspectiva instrumental também se mantém no teatro. O material sugere poucas atividades, sendo que algumas delas se restringem à dramatização de histórias, por exemplo, a história da “Formiguinha e a neve” em teatro de vara, tendo como enfoque a pontuação na disciplina de português. Ou ainda, no caso da lenda “Como surgiu a noite”, mencionada anteriormente, apenas aparece em meio às obras de Arte que retratam o dia e a noite com um convite “Que tal dramatizarmos essa lenda?”.

A criança na escola tem o direito de aprender Arte, de conviver, de conhecer a produção cultural, histórica e artística por meio da Arte, constata-se, porém, que em todas as áreas artísticas as crianças ficam privadas de conceitos artísticos que lhes são fundamentais à sua formação e desenvolvimento pleno. Também por meio da análise do



material foi possível desenvolver um quadro (QUADRO 1) que auxilia a identificar quantas são ofertadas atividades educativas em torno da Arte em relação aos duzentos dias letivos previstos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação n.9.394/1996:

QUADRO 1 – Levantamento de atividades de Arte por ano

Turma	Linguagens artísticas	Dias letivos anualmente	Porcentagem do currículo destinado ao ensino da Arte
1º Ano	17 atividades	200	8%
2º Ano	11 atividades	200	5%
3º Ano	13 atividades	200	6%
4º Ano	19 atividades	200	9%
5º Ano	19 atividades	200	9%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados no material de apoio SEMED, 2015

Tendo em vista que o calendário escolar possui 200 dias letivos e que semanalmente a criança teria que ter contato com a Arte na escola. Observa-se que o material didático indica um percentual baixo e que a Arte ocupa um pequeno espaço na formação das crianças.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do estudo desenvolvido, foi possível constatar que a Arte historicamente tem sido colocada em um campo marginal em detrimento das outras áreas de conhecimento.

Quanto aos encaminhamentos metodológicos, percebe-se que os mesmos seguem uma proposta um tanto quanto limitadora, no sentido de que algumas atividades são fechadas, restritas, sem muitas possibilidades de criação. Tais propostas de atividades ficam restritas a um único caminho a ser seguido, o qual se reproduzido metodologicamente descaracteriza o processo artístico da criança, a qual necessita de liberdade de expressão, de criação, de movimento, enfim, de um amplo contato artístico.

Apesar de o material de apoio pedagógico avançar ao incluir artistas locais e regionais, atendendo inclusive um preceito legal da Lei 12.287/2010, o mesmo retrocede ao utilizar as obras de Arte com fins ilustrativos tendo em vista o ensino de outras áreas de conhecimento. Neste sentido, do estudo empreendido, foi possível constatar que Arte que está sendo pensada no material didático a partir de uma perspectiva tradicional se apresentando predominantemente como um recurso metodológico para o ensino de outras áreas de conhecimento destituindo a Arte de sua finalidade formativa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. M. de C. Concepções e práticas artísticas na escola. In. FERREIRA, Sueli. (Org.). **O ensino das artes: Construindo caminhos**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2001.

BARBOSA, A. M. **A Imagem no Ensino da Arte: anos 1980 e novos tempos**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

\_\_\_\_\_. **Arte Educação no Brasil: Realidade hoje e expectativas futuras**. Estudos avançados, 1989. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141989000300010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000300010)> Acesso em: 26 ago.2017.

BARBOSA, A. M.; COUTINHO, Rejane Galvão. **Ensino da Arte no Brasil: Aspectos históricos e metodológicos**. Rede São Paulo de formação de docente: Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP: Ensino Fundamental II e Ensino Médio, São Paulo, 2011. Disponível em: <[https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40427/3/2ed\\_art\\_m1d2.pdf](https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40427/3/2ed_art_m1d2.pdf)> Acesso em: 26 ago. 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BITTAR, V. M. S. Concepções e práticas de professores de artes visuais. **Dissertação**. Mestrado em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de fora, 2007. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppge/files/2010/07/dissestacaovaleriabittar.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

BONA, A. **Elaboração do Material de Apoio Pedagógico do Município de União da Vitória –PR**. Entrevistador: Estela Weisshaar. União da Vitória: UNESPAR – Campus de União da Vitória, 2016. 14,774,349 bytes. Entrevista concedida por agendamento. **xxx**[fev. 2016].

BRASIL/LDB. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial da União** - Seção 1 - 12/8/1971, Página 6377 (Publicação Original) Disponível em: <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L5692.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm)> Acesso em: 15 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Presidência da República**. Subchefia para Assuntos Jurídicos.

Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)> Acesso em: 15 mar. 2017.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. **Ministério da Educação e do Desporto**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. Lei n.11.769 de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. **Presidência da República**. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11769.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11769.htm)> Acesso em: 15 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. Lei n. 12.287 de 13 de julho de 2010. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, no tocante ao ensino da arte. **Presidência da República**. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12287.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12287.htm)> Acesso em: 15 mar. 2017.



\_\_\_\_\_. Lei n. 13.278 de 02 de maio de 2016. Altera o § 6o do art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. **Presidência da República**. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em:< [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm)> Acesso em: 15 mar. 2017.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos De Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

JAPIASSU, Hilton. MARCONDES, Danilo. Dicionário básico de filosofia. 2 ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

JAKIMIU, Vanessa Campos de Lara. O ensino da arte nos anos iniciais do ensino fundamental: por uma educação emancipatória. **V EDIPE – Encontro Estadual de Práticas de Ensino**. 2013. Disponível em:<<http://www2.unucseh.ueg.br/ceped/edipe/anais/vedipefinal/pdf/gt03/co%20grafica/Vanessa%20Campos%20de%20Lara%20Jakimiu.pdf>> Acesso em: 15 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. Formação de professores de Arte no Brasil: sentidos, consensos e dissensos. **Colóquio Internacional de Educação** (5. : 2016, 24- 26 out. : Joaçaba, SC). Anais do V Colóquio Internacional de Educação. E, III Seminário de Estratégias e Ações Multidisciplinares. E, II Encontro de Egressos e Egressas do PPGEd -- Joaçaba, SC: Unoesc, 2016. Disponível em: <[http://www.unoesc.edu.br/images/uploads/editora/VColoquio\\_2016.pdf](http://www.unoesc.edu.br/images/uploads/editora/VColoquio_2016.pdf)> Acesso em: 25 out. 2017.

KRAWCZYK, Nora. **O Ensino Médio no Brasil**. São Paulo: Ação Educativa, 2009.

\_\_\_\_\_. Reflexão Sobre Alguns Desafios do Ensino médio no Brasil Hoje. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.41, n.144. set./dez., 2011. Disponível em:< [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742011000300006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742011000300006&script=sci_arttext)> Acesso em: 21 out. 2017.

LOPES, Alice C. Interpretando e produzindo políticas curriculares para o ensino médio. In: Frigotto, Gaudêncio; Ciavatta, Maria. (Org.). **Ensino médio: ciência, cultura e trabalho**. Brasília, DF: MEC; SEMTEC, 2004

PILLAR, A. D. Leitura e releitura. In. \_\_\_\_\_. (Org). **A Educação do olhar no ensino das Artes**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SEED. Caderno de Musicalização: Canto e Flauta Doce. Governo do Estado do Paraná **Secretaria de Estado da Educação**. Curitiba, 2008. Disponível em:< <http://portaldoProfessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000014228.pdf>> Acesso em: 25 out. 2017.

SEMED. Secretaria Municipal de Educação. Município de União da Vitória. **Material de Apoio Pedagógico**. Ensino Fundamental Anos Iniciais. Instituto de Ensino, Pesquisa e Prestação de Serviços – IEPS. Gráfica e Editora Kaygange Ltda, 2015.

SILVA, Monica Ribeiro da. Reformas Educacionais e Cultura Escolar: A apropriação dos dispositivos normativos pelas escolas. **Cadernos de Educação**. FaE/PPGE/UFPel. Pelotas, janeiro/abril 2009. Disponível em:<<http://www.ufpel.edu.br>> Acesso em: 21 out. 2017.

ZIBAS, Dagmar Maria L. A Reforma do Ensino médio nos Anos de 1990: O Parto da Montanha e as Novas Perspectivas. **Fundação Carlos Chagas**. Jan /Fev /Mar /Abr 2005, n.28. Disponível em: Acesso em: 21 out. 2017.